

Estratégia é passar antes pelos bancos

26 SET 1985

CLARA LUCIA FAVILLA
Da Editoria de Economia

O Governo brasileiro já tem pronta a sua estratégia de negociação com o FMI e bancos credores que passa para um estágio decisivo a partir da reunião de Seul, na próxima semana. A estratégia repousa na confiança de que há uma clara disposição dos bancos credores de renegociar plurianualmente a dívida do Brasil, apesar dele não vir cumprindo os acordos firmados com o FMI. O Brasil vai se utilizar dessa boa disposição dos bancos para pressionar o FMI por um acordo em bases mais favoráveis.

A tentativa de um acordo com os bancos independente do FMI, consta do relatório da reunião técnica que definiu a posição que o Governo vai defender em Seul. O documento circulou ontem sigilosamente pelo Ministério da Fazenda, em envelopes devidamente lacrados para evitar qualquer vazamento como aconteceu com o documento preparado pela Assessoria Econômica, ainda duran-

te a gestão do ministro Dornelles, criticando a ortodoxia do FMI. A publicação do documento causou grande celeuma porque contrariava o discurso de Dornelles, favorável à ortodoxia. O seu conteúdo era bastante claro e afinado com as idéias hoje defendidas pelo ministro Dilson Funaro: o ajuste externo exigido pelo FMI se fez às custas do desajuste interno e do agravamento do processo inflacionário.

O Brasil não quer romper nem dobrar-se ao FMI. Exige apenas desse organismo internacional um posicionamento mais adequado à atual crise representada pelo endividamento dos países da América Latina e do Terceiro Mundo em geral. E para isso contará com um aliado poderoso, os bancos credores. Pelo menos é nisso que o Governo brasileiro está, no momento, acreditando, conforme palavras do ministro da Fazenda, Dilson Funaro. "O FMI — segundo o ministro — não pode mais continuar exercendo uma simples função de auditoria junto às economias

dos países devedores, mas precisa, de fato, começar a agir, positivamente, para resolver a crise financeira internacional. Afinal para isso é que foi criado" — enfatizou Funaro.

Toda a confiança do Governo brasileiro na atual estratégia centra-se na certeza de que o mais interessante para os bancos credores é preservar a capacidade de pagamentos dos países endividados. E essa capacidade pode arruinar-se seriamente a partir da recessão imposta pelo Fundo. Por isso, bancos credores, como o Barcalys, da Inglaterra, já se manifestaram favorável a um acordo com o FMI que garanta crescimento da economia nos próximos anos.

Sinais nesse mesmo sentido vêm sendo recebidos pelo Governo brasileiro de outros importantes bancos credores. Assesores importantes do ministro Funaro comentaram ontem que os bancos querem que o Brasil rapidamente faça um acordo com o FMI e estão dizendo isso ao Governo brasileiro.